



Um antigo rito vaticano que guarda uma profunda verdade espiritual: quanto vale a tua alma?

Introdução: Um gesto que atravessa os séculos

Quando um Papa morre, a Igreja não perde apenas seu pastor visível na terra, mas inicia um ceremonial repleto de história, simbolismo e oração. Entre os muitos gestos antigos cuidadosamente preservados nesse rito sagrado, existe um que quase ninguém conhece, mas que revela uma profunda verdade teológica: **a colocação das *liras papais* no caixão do Pontífice**.

Por que enterrar o Papa com moedas? Qual o sentido disso hoje para nós? Um costume tão antigo ainda pode nos ensinar algo essencial sobre a morte... e sobre a maneira de viver?

1. O rito esquecido: O que são as *liras papais*?

Antes do euro e até mesmo antes da criação do Estado moderno do Vaticano, havia uma moeda oficial nos Estados Pontifícios: **a lira papal**, ou *lira pontifícia*. Essa moeda não era apenas um instrumento econômico, mas também **um símbolo da soberania espiritual e temporal do Papa**.

Quando um Pontífice morria, eram colocadas **três moedas de lira papal** dentro do seu caixão. Esse gesto, cheio de simbolismo, não pretendia “pagar” literalmente a passagem para o céu — a Igreja nunca ensinou isso — mas sim **representar o desprendimento do Papa dos bens terrenos** e sua total confiança na misericórdia de Deus.

Essas moedas, acompanhadas por um pergaminho que resumia seu pontificado, eram selos silenciosos de sua passagem do temporal para o eterno.

2. Uma tradição com raízes profundas

Embora possa parecer arcaico ou apenas decorativo, esse gesto tem raízes na antiguidade. Em muitas culturas, como a grega e a romana, acreditava-se que era necessário pagar a



Caronte, o barqueiro do mundo dos mortos, para atravessar até o além. A Igreja sempre rejeitou qualquer superstição ou mitologia pagã, mas **transformou esse símbolo em um gesto de redenção e esperança cristã**.

Não se trata do Papa “comprar” a entrada no Paraíso — isso seria heresia — mas **de reconhecer humildemente que, mesmo como Vigário de Cristo, ele se apresenta diante de Deus como qualquer outra alma: pobre, nu e necessitado de graça**.

“Pois nada trouxemos para este mundo, e dele nada podemos levar.” (1 Timóteo 6,7)

As *liras papais* no caixão do Papa nos lembram, portanto, uma verdade fundamental: **não possuímos nada, nem mesmo a nossa vida; tudo é dom, tudo é graça**.

3. O simbolismo: do poder à pobreza

Durante a sua vida, o Papa veste trajes esplêndidos, celebra em basílicas majestosas, fala da cátedra de Pedro... mas **em sua morte, o rito fúnebre é de uma austeridade comovente**. No caixão de cipreste são colocados poucos e simples símbolos:

- um Evangelho aberto sobre o peito,
- um pergaminho com um breve resumo de sua vida e pontificado,
- e as moedas, por vezes em ouro, prata e bronze, símbolo das virtudes teologais ou das etapas da vida.

Esse contraste nos ensina uma verdade essencial: **o valor de uma vida não se mede pelo poder ou fama, mas pelo dom de si mesmo, pela humildade e fidelidade a Deus**.

4. A teologia por trás de uma moeda

Nas Sagradas Escrituras, as moedas frequentemente têm um papel surpreendente. São pequenas, materiais, mas veiculam verdades imensas:



- O óbolo da viúva, que doa tudo o que tem (Marcos 12,41-44)
- A dracma perdida, imagem do pecador procurado por Deus (Lucas 15,8-10)
- O tributo a César e o chamado a dar a Deus o que é de Deus (Mateus 22,21)

Da mesma forma, as *liras papais* no caixão do Papa **falam de uma economia espiritual**, uma contabilidade divina onde o valor não se mede em metal, mas em amor. Nesse sentido, essas moedas **não são uma superstição medieval, mas uma catequese silenciosa sobre a vida eterna**.

5. O que podemos aprender com essa tradição?

Esse gesto pode parecer restrito à liturgia papal, mas **traz um ensinamento para todos nós, sem exceção**. Eis algumas lições espirituais que podemos integrar na nossa vida cotidiana:

a) Viver desapegados dos bens terrenos

O Papa, sepultado com apenas algumas moedas, nos lembra que **tudo o que acumulamos nesta vida permanece aqui**. Partimos apenas com nossas obras de caridade, nossa fé e nossa esperança.

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra... mas ajuntai para vós tesouros no céu.” (Mateus 6,19-20)

b) Preparar-se todos os dias para a eternidade

Não sabemos o dia nem a hora do nosso fim. Que “moeda” espiritual apresentaremos a Deus? Uma vida de amor, de serviço, de reconciliação?

c) Recordar que a verdadeira riqueza é Cristo

O Papa, embora seja guia de milhões de católicos, morre como cada um de nós: **frágil, mortal, necessitado de redenção**. E isso nos remete à verdade mais consoladora: **Cristo é nossa única verdadeira riqueza**.



6. E hoje? Uma aplicação atual para todos

Em uma sociedade que idolatra o dinheiro, o poder e a aparência, esse pequeno gesto nos funerais do Papa é **um choque para o materialismo moderno**. Ele nos confronta com uma pergunta fundamental:

O que estou acumulando para a eternidade?

Hoje você pode:

- Realizar um ato de caridade escondido, como uma esmola ou uma visita a um doente.
 - Confessar-se, para esvaziar sua alma do que é inútil e preenche-la com a graça de Deus.
 - Colocar uma cruz ou uma medalha milagrosa entre seus objetos preciosos, como sinal de que **Cristo é o seu verdadeiro tesouro**.
 - Ensinar aos seus filhos o valor do eterno em comparação com o material, talvez contando-lhes a história das *liras papais*.
-

Conclusão: Uma moeda que vale a eternidade

Da próxima vez que ouvires falar do funeral de um Papa, lembra-te: **há moedas no seu caixão, não para comprar o céu, mas para proclamar que nem mesmo o Papa se salva por seus méritos, e sim apenas pela misericórdia de Deus.**

Isso vale para ti — e para mim.

Somos chamados a viver **como pobres em espírito**, sabendo que nossa única verdadeira riqueza é ter amado, servido e acreditado.

E tu — o que levarás contigo quando fechares os olhos para este mundo?

Talvez apenas algumas moedas... mas se forem feitas de amor, bastarão para o Reino de Deus.